

[ SÃO JOÃO ]

Festejos juninos mobilizam investimentos na capital e no interior

SO PAÍ DE LETRAS

[+]

**TURISMO**

Trade aposta no Verão de 2015

**QUALIFICAÇÃO**

O que precisamos para atender melhor

**ENTRETENIMENTO**

A Bahia além da axé music

**SUSTENTABILIDADE**

Comunidades baianas criam moedas próprias para suprir carência de bancos

# E DEPOIS DA COPA?

O DESAFIO AGORA É MELHORAR O AMBIENTE DE NEGÓCIOS E TORNAR A BAHIA MAIS COMPETITIVA

# MEMÓRIA EM CONCRETO E AÇO

por  
ANTÔNIO  
CAMELO

**L**elé ou João da Gama Filgueiras Lima nos deixou uma grande lacuna com sua ausência, mas também um grande legado através de suas obras. Elas estão espalhadas pela cidade, memórias de concreto e aço, que nos deixam em contato com sua sensibilidade e genialidade. Sua falta, sem dúvida, subtrai o prazer do convívio a muitos dos seus admiradores, mas seu legado permanece e inspira.

Erra quem pensa que sua arquitetura era dura. Ao contrário, seu design arrojado tem elegância e leveza e seus projetos destacam-se não só pela funcionalidade, mas pela beleza e o uso dos recursos naturais para iluminação e ventilação. Lelé desenhava construindo, era artista e técnico, um arquiteto construtor. Em um momento histórico em que projetar e construir parecem dicotômicos, ele veio para unir estes dois conceitos, racionalizou a beleza, deu funcionalidade à arte e atendeu aos desafios do seu tempo com inovação útil. Fico imaginando, como foi, para um rapaz de 25 anos, recém-formado, colaborar e trabalhar com Lucio Costa e Oscar Niemeyer na construção de Brasília, com todas as limitações da empreitada. Ele, bravamente, não só aceitou o desafio como fez desta experiência um sucesso e carregou durante toda sua longa carreira os ensinamentos que tirou dela. Assim, as ideias de racionalizar, industrializar a construção, projetar pensando na economia e na funcionalidade perpassam suas obras.

Entre as características que mais me chamam a atenção em seu trabalho estava seu interesse pelas tecnologias construtivas, que o levou a propor e usar ideias pioneiras no Brasil, sobretudo aquelas com o objetivo de racionalizar os processos, em especial a utilização do concreto armado, do aço e os processos de pré-fabricação de elementos construtivos. Esta convicção o levou a tornar-se diretor da Fábrica de Equipamentos Comunitários (Faec), cujo material foi usado para construir

as primeiras passarelas, os antigos pontos de ônibus, as escadas drenantes do vale do Camurujipe, escolas, postos de saúde, tudo isso em um curto espaço de tempo.

Entre suas muitas obras importantes e significativas para a nossa cidade, podemos citar: o Centro Administrativo da Bahia (CAB), a Estação da Lapa, o hospital Sarah, o Tribunal de Contas da União, o Mercado Municipal de Paripe, o Convento de Brotas e as passarelas da cidade. Além de Salvador, seu traço está espalhado por cidades como Rio de Janeiro, Belém, Ribeirão Preto e Brasília.

E é assim, juntando seu vasto ideário de plasticidade, coerência formal, funcionalidade e visão humanista que ele deixa seu legado. Apesar de seu ocaso, suas obras, trajetória e ensinamentos são exemplos vivos de sua maestria. Cabe-nos brindar a sua existência, Grande Lelé!

